

**Universidades Lusíada**

Correia, José de Matos, 1963-

**Finlândia : eleições legislativas de 19 de Março de 1995**

<http://hdl.handle.net/11067/5052>

<https://doi.org/10.34628/hhhq-6d60>

**Metadados**

<b>Data de Publicação</b>	1995
<b>Palavras Chave</b>	Eleições - Finlândia
<b>Tipo</b>	article
<b>Revisão de Pares</b>	yes
<b>Coleções</b>	[ILID-CEJEA] Polis, n. 03 (1995)

Esta página foi gerada automaticamente em 2023-05-05T09:52:44Z com informação proveniente do Repositório

# FINLÂNDIA

## ELEIÇÕES LEGISLATIVAS DE 19 DE MARÇO DE 1995

PARTIDOS	%	Lugares
Sociais-democratas (SDP)	28,3	63
Centristas (KP)	19,9	44
Conservadores (KKP)	17,9	39
Aliança de Esquerda	11,2	22
Verdes	6,5	9
Populares Suecos (LKP)	5,1	11
União Cristã	3,0	7
Juventude Finlandesa	2,8	2
Partido Rural	1,3	1
Partido Liberal	0,6	0
Partido Ecologista	0,3	1
Independentes	1,2	1
Diversos	1,9	0

As eleições legislativas de 1995 realizaram-se num contexto diferente, porquanto foram as primeiras a ter lugar após o desaparecimento da URSS. E é sabido como a proximidade geográfica com aquele país sempre desempenhou uma influência de primeira grandeza na vida política finlandesa.

O destaque principal vai, naturalmente, para a derrota da coligação que governava o país, composta por centristas, conservadores e populares suecos que, em conjunto, obtiveram uma percentagem 6,8 % abaixo do resultado de 1991 (— 5,0 % os centristas, — 1,4 % os conservadores e — 0,4 % os populares suecos), o que se traduziu numa perda de 12 lugares no parlamento (— 11 para os centristas e — 1 para os conservadores). Tais resultados traduzem uma evidente censura aos partidos que integravam o exe-

cutivo, a quem o eleitorado imputou assim parte das responsabilidades pela crise económica, sem precedentes, que assola o país.

Neste quadro, o principal vencedor foi o Partido Social-Democrata, que não apenas reassumiu o lugar de primeiro partido, perdido, em 1991, em favor do KP mas, ao mesmo tempo, conseguiu obter o seu melhor resultado desde as eleições de 1945.

De notar ainda o relativo bom desempenho da Aliança de Esquerda que, sem atingir o nível obtido no passado pelo Partido Comunista, consegue aumentar quer a votação (+ 1,1 %), quer a representação parlamentar (+ 3 deputados).

A complexa situação económica interna e o distinto enquadramento externo conduziram, após este acto eleitoral, a alterações no comportamento do sistema político finlandês.

Na verdade, a formação de governos assentou sempre na opção por uma coligação do tipo bipolar, quer à roda do SDP, quer assente nos partidos «burgueses» (de centro e direita). Sucede que o executivo saído do último acto eleitoral, embora naturalmente chefiado pelo partido mais votado, engloba ainda a Aliança de Esquerda, os Verdes e duas formações que integravam a anterior coligação — os conservadores e os populares suecos. Para os Verdes trata-se da primeira participação no executivo, enquanto que para os Comunistas se trata da repetição de algo que não ocorria desde 1948.

A formação de um Governo com base partidária e parlamentar alargada corresponde, de resto, a uma intenção várias vezes reafirmada, no decurso da campanha eleitoral, pelos sociais-democratas e assente na convicção de que só um governo forte e amplamente representativo poderá enfrentar, com êxito, a crise económica.

É difícil neste contexto caracterizar, com segurança, o sistema partidário finlandês, tarefa que de resto nunca foi isenta de riscos, pois se SARTORI, por exemplo, o integrava na categoria do pluralismo polarizado, não deixava de referir que se tratava do «caso menos próximo, ou mais distante, do tipo puro» (*Partidos e Sistemas Partidários*, Brasília, 1982, p. 191).

Do ponto de vista numérico, é inequívoco que se mantém e porventura aumenta até o conjunto de partidos relevantes, com a chegada ao poder dos Verdes. Sob o prisma ideológico, e atento o alargamento do espectro partidário presente na composição do governo, é cedo para saber se o sistema se manterá no grupo do pluralismo polarizado ou se, atento até o esbatimento do conflito ideológico, evoluirá no sentido do pluralismo moderado.

JOSÉ DE MATOS CORREIA